

## “Ualalapi”:

### um talento, um SIDA histórico

por Adelino Jorge Fernandes

Ungulani Ba Ka Khosa, cita muito bem um anónimo do Séc. XIX: — Tu és Ngungunhane!... Aterrorizarás as mulheres e os homens... Aqui podemos notar, a imagem que o autor pretende dar-nos do seu livro, é em outras palavras, ao meu ver, a ponto de partida para uma análise, sobre Ualalapi.

Na sua maior extensão, Ualalapi de Ungulani Ba Ka Khosa é um mito que antecede uma tragédia e ao mesmo tempo, ficção depois das nuvens. «Ualalapi, é um livro que não apresenta uma leitura fácil, isto é, apresenta um dicionário rebuscado e está cheio de muitas figuras de estilo, naquela maneira viva de cativar o leitor».

Nesta obra podemos verificar uma primeira etapa descritiva e depois a acção, acentuando-se por vezes a analítica. Os momentos de avanço, assim como os de pausa, estão bem demarcados, o que nos permite ter a acção do tempo e espaço em que se desenvolve o enredo. As personagens que o autor criou, identificam-se com a obra, também nota-se um correcto encadeamento de ideias e uma sequência lógica dos acontecimentos que expõe.

Ungulani escreveu um livro de ficção e a sua essência é, pois, a narrativa, que corresponde à velha preocupação humana de contar e ouvir histórias, uma das mais rudimentares e populares formas de entretenimento. Mas nem todas as histórias são arte. Para que tenha valor artístico, a ficção exige uma técnica de arranjo e apresentação, que comunicará à narrativa beleza de forma, estrutura e unidade de efeitos. Aqui está sobretudo o mérito do Ungulani. A ficção distingue-se da história e da biografia, que são narrativas de factos reais. Contudo, em «Ualalapi» nota-se a tentativa de Ungulani escrever a biografia de Ngungunhane.

«Ualalapi», além de ser um talento, é também um erro imperdoável, porque o autor rebaixa a projecção social e da uma projecção ideológica falsa de Ngungunhane. Ungulani preocupou-se somente em citar de uma ou outra maneira os defeitos de Ngungunhane, enquanto que as glórias que «pesam» sobre ele são maiores. Ungulani, deste modo, questiona Ngungunhane e, como se não bastasse, ainda caminha para o pior; deturpa a imagem his-

tórica de Ngungunhane.

Nesta obra, nota-se uma inserção fraca dos acontecimentos históricos. Não podemos apresentar uma visão miope ao querermos analisar um período histórico ou uma figura lendária de uma determinada época histórica. Assim, Ungulani obriga-nos a recuar no tempo e espaço, para neles, honestamente, buscarmos, reencontrarmos e, sobretudo, entendermos e fazermos uma análise correcta.

Em 1884, um dos grandes acontecimentos que se dá no mundo é a Conferência de Berlim, onde as potências imperialistas decidem a partilha de África. Portugal teve a missão de ocupar Angola, Moçambique, etc. Isto era uma estratégia imperialista e Ngungunhane fez frente a essa estratégia imperialista. Basta recordar as heróicas batalhas de Kolela e de Magude, a 30 km, da então Lourenço Marques.

É sobejamente conhecido, na História da África Austral, a intenção de Cecil Rhodes, que queria formar um vasto império que estivesse à mercê da coroa britânica. Ngungunhane fez frente a esta tentativa, fazendo frente aos

chegando o seu domínio à Ásia e ao interior do Império Russo, etc. Napoleão pretendia fazer ressurgir a antiga grandeza do Império Romano, atingir a glória de Carlos Magno.

É necessário compreender a dimensão histórica de Ngungunhane, para podermos fazer uma análise correcta dessa figura lendária e, sobretudo, desse nosso herói. É necessário entender que Ngungunhane defendia os interesses da classe dominante daquele então. E é necessário compreender também que, qualquer que seja o Estado no mundo, tem que ter um aparelho repressivo, para se poder defender dos inimigos.

Agora, se bem que Ngungunhane ou classe dominante do Estado de Gaza, matou a morte foi destinada aos que punham em perigo o seu poder, os seus interesses. O mérito de Ngungunhane está no facto de ter criado um Estado único, o Estado de Gaza, no meio de tantas turbulências e conhecer uma estabilidade de realce para aquele então. Em «Ualalapi» nota-se também a defesa da existência das várias tribos. O livro



portugueses, já que Cecil Rhodes fornecia armas aos portugueses para enfrentarem as tropas de Ngungunhane.

Qualquer homem que estivesse no poder, ou, melhor no trono, naquele tempo, tinha que, a sangue e a fogo, defender o seu poder. Basta só recordar Napoleão Bonaparte, que nos princípios do século XIX conquistou vastos territórios a sangue e a fogo,

questiona o facto de existirem tribos para governarem e tribos para serem governadas. Cito: e esta verdade não a inventei, mas disse-a o nosso rei Ngungunhane há muitos e muitos anos. Nessa altura ele convidou-os para esta grande comunidade de homens que somos e que construímos. Recusaram a nossa mão caridosa e preferiram andar a monte, incomodando-nos à noite com os

Domingo  
6/9/87



seus uivos e estragando as nossas machambas. Houve alturas que chegamos a construir currais para esses animais MACHOPE, mas eles preferiram a selva, aos dias sem rumo.

O «Diário de Manua» retrata como os cabritos de pele esfolada tratavam aos moçambicanos. Tinha-se aquele conceito reaccionário de que os pretos só foram feitos para a escravidão, mas o Ungulani termina este conto de uma maneira muito pessimista, ao pôr Manua a morrer, pelo facto de ter estudado, o que vem reforçar a ideia de que os «pretos» só dão para a servidão.

A ficção é produto da imaginação criadora. A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade. É o espectáculo da vida através do olhar interpretativo do artista. Na página 64 do livro «Gaza 1897-1898 — Gomes da Costa», vem a seguinte passagem: — **Avisado da aproximação da gente do Gungunhana, saíu fora da palhota e, sorrindo-se para eles, disse-lhes: — Mordugaz manda-me matar? Já vejo, Muzila morreu. Está bem, mas vocês só me matarão ao sol posto; tenho que fallar com as mulheres...** Ungulani no Ualalapi, na página 24, escreveu o seguinte: **Esperavos, disse Mafemane, aproximando-se de Manhume. Sei que Muzila morreu. Sei também que o meu irmão foi escolhido como sucessor, apesar de eu ser o filho primeiro da inkonsikazi de Muzila, Fussi. O trono pertence a Mumdugazi. Sei também que vistes com ordens para me matarem. Estou preparado para morrer. Mas peço-vos que me deixeis despedir das minhas mulheres e dos meus filhos. Vinde ao cair do dia.**

A verdade é que eu sei que em livros de História se pode fazer uso de qualquer pensamento, uso de certos relatos e depois no fim, citar a bibliografia consultada. Agora, numa obra literária, num livro de ficção, em que o autor imagina, cria, duvido que se possa fazer o uso sem se citar a fonte onde se extraiu certa coisa. O exemplo que

dou em cima é apenas um, não nego que possam existir outras coincidências...

A Enciclopédia Barsa ajuda-nos muito, sobretudo numa definição que todos deveríamos saber: — **Plágio-Rigorosamente, pode-se definir o plágio como sendo a apropriação, por um autor, de pensamentos, imagens, e frases de qualquer outro, sem lhes dar nem ao todo em que lhe estão insertos...**

O último discurso de Ngungunhane é pura e simplesmente o pensamento do autor. Para quem já leu «Mayombe», de Pepetela, seguramente se recordará dos prognósticos de Sem Medo, e hoje ao ler «Ualalapi» não notará grandes diferenças entre o que escreveu Pepetela e o que escreveu Ungulani. Com isso não quero dizer nada, é possível que sejam coincidências.

Contudo, assumo a responsabilidade do furacão que poderá desencadear-se pelo que escrevi, com a consciência limpa de que o que eu escrevi não é para gerar guerras, mas, acrescento: — Sei apenas que nada sei, mas «Ualalapi, um talento, um SIDA histórico».

#### BIBLIOGRAFIA

- Gaza 1897-1898 —
- Gomes da Costa
- Enciclopédia Barsa
- Manuais de História da 11.ª classe
- Ualalapi — Ungulani Ba Ka Khosa
- Mayombe — Pepetela

N. R.: Naturalmente, « Ler e Escrever » aqui não fez senão tomar a liberdade de deixar expressar-se uma opinião que tem todo o direito de se fazer ouvir. De resto, para este espaço literário, o valor do presente texto reside no facto de ser da autoria de um jovem tentado ler e interpretar, e em n o s s a opinião, uma das obras mais representativas e profundas da nova geração moçambicana que desperta para a literatura. Quanto ao conteúdo, o opinante confessa que sabe perfeitamente que nada sabe, merece todo o nosso apelo.